

JOSÉ MARIA ALVES

TEXTOS DO AGORA III

WWW.HOMEOESP.ORG

Ouve apenas a voz dos pinheiros e dos cedros quando não há vento.

DEZEMBRO DE 2007

&&&

O Fabulário mais antigo que se conhece é o de Esopo, havendo quem se lhe refira como “pai” das fábulas. No entanto, estas, quer na Grécia clássica quer noutras culturas, nomeadamente orientais já tinham uma existência marcante.

O *Livro de Esopo*, é um manuscrito do século XV, que foi encontrado numa biblioteca de Viena de Áustria, pelo etnógrafo Leite de Vasconcelos.

Posteriormente, um outro fabulário surgiu em Portugal, no ano de 1643, dado à estampa na cidade de Évora: o de Manuel Mendes, da Vidigueira, “*Vida e fábulas do insigne fabulador Esopo, de novo juntas e traduzidas com breves aplicações morais a cada fábula*”.

As Fábulas de Esopo que a seguir se transcrevem foram vertidas do grego pelo mencionado Manuel Mendes. A sua importância prende-se entre outras, com a marcante influência que exerceu nos contos e histórias tradicionais da cultura ocidental, permitindo-nos comparar ainda que um tanto superficialmente a diversidade ética destas e das histórias de origem puramente oriental.

I

O GALO E A PÉROLA

Andava o galo esgravatando no monturo, para achar migalhas, ou bichos, que comer, e acertou de descobrir uma pedra: disse então: - Ó Pedra preciosa, ainda que lugar sujo, se agora te achara um discreto Lapidário, te recolhera; mas a mim não me prestas; mais caso faço de uma migalha, que busco para o meu sustento, ou dous grãos de cevada. Dito isto, a deixou, e foi por diante esgravatando para buscar conveniente mantimento.

II

O LOBO E O CORDEIRO

Estava bebendo um Lobo encarniçado em um ribeiro de água, e pela parte de baixo chegou um Cordeiro também a beber. Olhou o Lobo de mau rosto, e disse, reganhando os dentes: - Porque tiveste tanta ousadia de me turvar a água onde estou bebendo? Respondeu o Cordeiro com humildade: - A água corre para mim, portanto não posso eu torvá-la. Torna o Lobo mais colérico a dizer: - Por isso me hás-de praguejar? Seis meses haverá que me fez outro tanto teu pai. Respondeu o Cordeiro: - Nesse tempo, senhor, ainda eu não era nascido, nem tenho culpa. – Sim tens (replicou o Lobo) que todo o pasto do meu campo estragaste. – Mal pode ser isso, disse o Cordeiro, porque ainda não tenho dentes. O Lobo, sem mais razões, saltou sobre ele e logo o degolou, e o comeu.

III

O LOBO E AS OVELHAS

Havia guerra travada entre Lobos e Ovelhas; e elas, ainda que fracas, ajudadas dos rafeiros, sempre levavam o melhor. Pediram os Lobos paz, com condição que dariam de penhor seus filhos, e as Ovelhas que também lhe entregassem os rafeiros. Assentadas as pazes com estas condições, os filhos dos Lobos uivavam rijamente. Acodem os pais, e tomam isto por achaque de ser a paz quebrada; e tornam a renovar a guerra. Bem quiseram defender-se as Ovelhas, mas como sua principal força residia nos rafeiros, que entregaram aos Lobos, facilmente foram deles vencidas, e todas degoladas.

IV

O REI DOS BUGIOS E DOIS HOMENS

Caminhavam dois companheiros tendo perdido o caminho, depois de terem andado muito, chegaram à terra dos Bugios. Foram logo levados ante o rei, que vendo-os lhes disse: - Na vossa terra, e nessa por onde vindes, que se disse de mim e do meu reino? Respondeu um dos companheiros: - Dizem que sois rei grande, de gente sábia, e lustrosa. O outro, que era amigo de falar verdade, respondeu: - Toda vossa gente são bugios irracionais, forçado é que o rei também seja bugio. Como isto ouviu o rei, mandou que matassem a este, e ao primeiro fizessem mimos, e o tratassem muito bem.

V

A ANDORINHA E OUTRAS AVES

Semeavam os homens linho, e vendo-os a Andorinha disse aos outros pássaros: - Por nosso mal fazem os homens esta seara, que desta semente nascerá linho, e farão dele redes e laços para nos prenderem. Melhor será destruímos a linhaça, e a erva, que dela nascer, para que estejamos seguras. Riram as Aves deste conselho e não quiseram tomá-lo. O que vendo a Andorinha, fez pazes com os homens e se foi viver em suas casas. Eles fizeram redes, e instrumentos de caça, com que tomaram e prenderam todos os pássaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

VI

O RATO E A RÃ

Desejava um Rato passar um rio, e temia, por não saber nadar. Pediu ajuda a uma Rã, a qual se ofereceu de o passar, se se atasse ao seu pé. Consentiu o Rato, e tomando um fio, se atou pelo pé e na outra ponta atou o pé da Rã. Saltaram ambos na água, mas a Rã com malícia trabalhava por se mergulhar, por que o Rato se afogasse. O Rato fazia por sair para fora, e ambos andavam neste trabalho e fadiga. Passava um milhano por cima e vendo o rato sobre a água, se abateu per o levar, e levou juntamente a Rã, que estava atada com ele, no ar os comeu ambos.

VII

O LADRÃO E O CÃO DE CASA

Querendo um Ladrão entrar em uma casa de noite para roubar, achou à porta um Cão, que com ladridos o impedia. O cauteloso Ladrão, para o apaziguar, lhe lançou um pedaço de pão. Mas o Cão disse: - Bem entendo que me dás este pão por que me cale, e te deixe roubar a casa, não por amor que me tenhas; porém já que o dono da casa me sustenta toda a vida, não deixarei de ladrar, se não te fores, até que ele acorde e te venha estorvar. Não quero que este bocado me custe morrer de fome toda a minha vida.

VIII

O CÃO E A OVELHA

Demandou o Cão à Ovelha certa quantidade de pão, que dizia haver-lhe emprestado, ou dado na sua mão em depósito. Ela negou havê-lo recebido. Dá o Cão três testemunhas, convém a saber: um Lobo, um Buitre e um Milhano, os quais todos já vinham com o Cão subornados, e apostados a jurar em seu favor, como com efeito juraram, dizendo que eles viram receber à Ovelha o pão, que se lhe pedia. Vendo a prova, a condenou o Juiz a que pagasse; e como ela não tivesse por onde, lhe foi forçado tosquiar o pêlo, e vendê-lo ante tempo, do que pagou o que não comera, e ficou nua padecendo as neves e frios do Inverno.

IX

O CÃO E A CARNE

Levava um Cão na boca um pedaço de carne, passava com ela um rio, e vendo no fundo da água a sombra da carne maior, soltou a que levava nos dentes, por tomar a que via dentro na água. Porém como o rio levou para baixo com sua corrente a verdadeira, levou também a sombra e ficou o Cão sem uma e sem outra.

X

A MOSCA SOBRE A CARRETA

Sobre um carro de mulas, carregado, pousou uma Mosca, e achou-se tão altiva de ir a seu gosto, alta, que começou a falar soberba contra a Mula dizendo que andasse depressa, senão que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. Virou a Mula o rosto dizendo: - Cala-te, parva sem vergonha, que não temo nem me podes fazer nada; o medo que me causa é do carreteiro, que leva na mão o açoite, que tu só com importunações cansas-me, sem me fazer outro mal.

XI

O CÃO E A IMAGEM

Buscando de comer, o Cão acertou de achar uma Imagem do homem, muito primorosa e bem feita de papelão com cores vivas. Chegou o Cão a cheirar por ver se era homem que dormia. Depois deu-lhe com o focinho e viu que se rebojava, e como não quisesse estar queda, nem tomar assento, disse o Cão: - Por certo que a cabeça é linda, senão que não tem miolo.

XII

O LEÃO, A VACA, A CABRA E A OVELHA

Fizeram parceria um Leão, uma Vaca, uma Cabra e uma Ovelha, para que caçassem de mão comum e partissem o ganho. Correndo sobre este concerto, acharam um Veado, depois de terem andado e trabalhado muito, o mataram. Chegaram todos cansados e cobiçosos da presa, e fizeram-no em quatro partes iguais. O Leão tomou uma, e disse: - Esta é minha conforme ao concerto; estoutra me pertence por ser mais valente de todos; também tomarei a terceira, porque sou rei de todos os animais, e quem na quarta bulir, tenha-se por meu desafiado. Assim as levou todas, e os parceiros se acharam enganados, e com agravo, mas sofreram por serem desiguais na força ao Leão.

XIII

O CASAMENTO DO SOL

Dizem que em certo tempo desejou o Sol se casar, e todas as gentes, agravadas disso, se foram queixar a Júpiter, dizendo: - Que no Estio trabalhosamente sofriam um Sol, que com seus raios as abrasava, donde inferiam e provavam, que se o Sol se casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo; porque um Sol fazia Verão calmoso na Índia, outro em Grécia, outro na Noruega e terras setentrionais; pelo que sendo todas as três zonas tórridas, não teriam as gentes onde viver. Visto isto por Júpiter, mandou que não casasse.

XIV

O HOMEM E A DONINHA

Um homem que caçava ratos, prendeu na armadilha uma Doninha. Ela vendo-se em seu poder, lhe disse que a soltasse, e alegou razões, dizendo: que ela nenhum mal fazia, antes lhe alimpava a casa de ratos e bichos, e sempre, por lhe fazer bem, os andava matando. Respondeu o homem: - Se tu por fazer bem o fizeras, devia-te eu agradecimento, mas como o fazes pelo comer, não te devo nada, antes te quero matar, que se eles te faltarem, comer-me-ás o meu, pior do que o fazem os mesmos ratos.

XV

A BUGIA E A RAPOSA

Rogava a Bugia à Raposa que cortasse a metade do seu rabo e lho desse, dizendo: - Bem vêes que o teu rabo arroja, e varre a terra, e é defeito por demasiado; o que dele sobeja me podes prestar a mim, e cobrir-me estas partes, que vergonhosamente trago descobertas. Antes quero que arroje, (disse a Raposa) e varra o chão, e me seja pesado, que aproveitares-te tu dele. Por isso não to darei nem quero que coisa minha te preste. E assim ficou sem ele a Bugia.

XVI

JUNO E O PAVÃO

Veio o Pavão a Juno muito queixoso, dizendo, por que razão o Rouxinol havia de cantar melhor que ele, e ter-lhe outras muitas vantagens? Disse Juno, que não se agastasse; que por isso tinha ele as penas formosas cheias de olhos, que parecem estrelas. – Isso é vento (replicou o Pavão) mais tomara saber cantar. Juno respondeu. Não podes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Águia força, o Gavião ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

XVII

O LOBO E O GROU

Comendo o Lobo carne, atravessou-se-lhe um osso na garganta, que o afogava. Estando nesta afronta, pediu ao Grou que lhe valesse nela, e com seu pescoço comprido lhe tirasse do papo o osso. Fê-lo o Grou, tirou-lhe o osso, e estando livre o Lobo, pediu-lhe alguma parte do muito que antes se oferecia a dar-lhe. Porém o Lobo lhe respondeu: - Ó ingrato! Não me agradeces que te tivesse metido a cabeça dentro na minha boca, e que pudera apertar os dentes e matar-te. Não me peças paga, que obrigado me ficas, e assaz és de ingrato em não reconheceres tão grande benefício. Calou-se o Grou, e foi muito arrependido do que fizera, dizendo: - Nunca mais por gente ruim meterei a cabeça, e vida em semelhante perigo.

XVIII

AS DUAS CADELAS

Tomando a uma Cadela as dores de parir, e não tendo lugar donde parisse, rogou a outra que lhe desse a sua cama e pousada, que era em um palheiro, e tanto que parisse se iria com seus filhos. Fê-lo a outra com dó dela, e depois de haver parido, lhe disse que se fosse embora; porém a boa hóspeda mostrou-lhe os dentes, e não a quis deixar entrar, dizendo que estava de posse, e que não a lançariam dali, senão fosse por guerra e às dentadas.

XIX

O HOMEM E A COBRA

Na força do chuvoso, e frio Inverno andava uma Cobra fraca, e encolhida, e um homem de piedade a recolheu, agasalhou e alimentou enquanto houve frio. Chegado o Verão, começou a cobra a estender-se, e desenroscar-se, pelo que ele a quis lançar fora; mas ela levantou o pescoço para o morder. O que vendo o homem, tomou um pau, assanhou-se a Cobra, e começaram ambos a pelejar. De que resultou ficar ela morta, e ele bem mordido.

XX

O ASNO E O LEÃO

O Asno simples e torpe encontrou-se com o Leão em um caminho; e de altivo, e presunçoso, se atreveu a lhe falar, dizendo: - Vades embora companheiro. Parou-se o Leão vendo este desatino e ousadia; mas tornou logo a prosseguir seu caminho, dizendo: - Leve cousa me fora matar e

desfazer agora este; porém não quero sujar meus dentes, nem as fortes unhas em carne tão bestial e fraca. Assim passou, sem fazer caso dele.

XXI

O RATO CIDADÃO E MONTESINHO

Um rato que morava na Cidade, acertando de ir ao campo, foi convidado por outro, que lá morava, e levando-o à sua cova, comeram ambos cousas do campo, ervas e raízes. Disse o Cidadão ao outro: - Por certo, compadre, tenho dó de ti, e da pobreza em que vives. Vem comigo morar na Cidade, verás a riqueza, e a fartura que gozas. Aceitou o rústico e vieram ambos a uma casa grande e rica, e entrados na despensa, estavam comendo boas comidas e muitas, quando de súbito entra o despenseiro, e dois gatos após ele. Saem os Ratos fugindo. O de casa achou logo seu buraco, o de fora trepou pela parede dizendo: - Ficai vós embora com a vossa fartura; que eu mais quero comer raízes no campo sem sobressalto, onde não há gato nem ratoeira. E assim diz o adágio: Mais vale magro no mato, que gordo na boca do gato.

XXII

A ÁGUIA E A RAPOSA

Tinha a Águia filhos e para os cevar levou nas unhas dois raposinhos tomados de uma lousa. A mãe, que o soube, lhe foi rogar que desse os seus filhos. Mas a Águia lá do alto zombou dos rogos e disse que não deixaria de lhos comer. A Raposa magoada começou logo a cercar a árvore, onde a Águia tinha seu ninho de muitas palhas, tojos, paus secos e acendalhas de tal maneira, que pondo-lhe o fogo, fez uma fogueira muito grande. Viu-se a

Águia atribulada do fumo, e labareda, e do receio que ardesse a árvore toda, lançou-lhe os filhos sem lhe tocar, e quase ficou chamuscada pela indústria da Raposa.

XXIII

O GALO E A RAPOSA

Fugindo as Galinhas com seu Galo de uma Raposa, subiram-se em um pinheiro, e como a Raposa ali não pudesse fazer-lhes mal, quis usar de cautela, e disse ao Galo: - Bem podeis descer-vos seguramente, que agora acabou-se de assentar paz universal entre todas as aves e animais; portanto, vinde, festejaremos este dia. Entendeu o Galo a mentira; mas com dissimulação respondeu: - Estas novas por certo são boas e alegres, mas vejo acolá assomar três cães; deixemo-los chegar, todos juntos festejaremos. Porém, a Raposa, sem mais esperar, acolheu-se dizendo: Temo que o não saibam ainda, e me matem. Assim se foi e ficaram as galinhas seguras.

XXIV

O BEZERRO E O LAVRADOR

Tinha um Lavrador um Bezerro, forte e mimoso e pô-lo no jugo, com outro boi manso; mas como o Bezerro o não quisesse tomar nem sofrer, com pancadas e pedradas, trabalhava o Lavrador para o amansar. E disse ao Boi manso: - Não te tomo com este para que lavres, que ainda não é para isso, senão para o amansar de pequeno, porque depois que for touro madrigado não haverá quem o amanse.

XXV

O LOBO E O CÃO

Encontrando-se um Lobo e um Cão em um caminho, disse o Lobo: - Inveja tenho companheiro, de te ver tão gordo, pescoço grosso e cabelo luzidio; eu sempre ando magro e arrepiado. Respondeu o Cão: - Se tu fizeres o que eu faço, também engordarás. Estou em uma casa, onde me querem muito, dão-me de comer, tratam-me bem; e eu tenho cuidado só de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se queres, vem comigo, terás outro tanto. Aceitou o Lobo, e começaram a ir. Mas no caminho disse o Lobo: - De que é isso companheiro, que te vejo o pescoço esfolado? Respondeu o Cão: - Porque não morda de dia aos que entram em casa, estou preso com uma corda, de noite me soltam até pela manhã, que tornam a prender-me. – Não quero tua fartura; respondeu o Lobo: A troco de não ser cativo, antes quero trabalhar, e jejuar livre. E dizendo isto se foi.

XXVI

OS MEMBROS E O CORPO

As mãos e os pés se queixavam dos outros membros, dizendo – que eles toda a vida trabalhavam e traziam o corpo às costas, e tudo redundava em proveito do estômago que comia sem trabalho; portanto que se determinasse a buscar sua vida, que eles não haviam de dar-lhe de comer. Por muito que o estômago lhes rogou, não quiseram tomar outra determinação, e assim começaram a negar-lhe a comida: e ele enfraqueceu. Mas como juntamente enfraquecessem os pés e mãos, tornaram depressa a querer alimentá-lo; mas como já a fraqueza fosse muita, nada lhes valeu, e morreram todos juntamente.

XXVII

A ÁGUIA E A COREIXA

A Águia tomou nas unhas um Cágado para cevar-se, e trazendo-o pelo ar, e dando-lhe picadas, não podia matá-lo, porque estava muito recolhido em sua concha. Embravecia-se muito com isso a Águia, sem lhe prestar, quando chega a Coreixa, e diz: - A caça que tomastes é em extremo boa, mas não podeis gozar dela senão por manha. Disse a Águia que lhe ensinasse a manha e partiria com ela da caça. A Coreixa o fez dizendo: - Subi-vos sobre as nuvens, e de lá deixai cair o Cágado sobre alguma laje, quebrará a concha e ficar-nos-á a carne descoberta. A Águia assim o fez; sucedendo como queriam, comeram ambas da caça.

XXVIII

A RAPOSA E O CORVO

O Corvo apanhou um queijo, e com ele fugindo, se poisou sobre uma árvore. Viu-o a Raposa, e desejou de lhe comer o seu queijo: e pondo-se ao pé da árvore, começou a dizer ao Corvo: - Por certo que és formoso, e gentil-homem, e poucos pássaros há que te ganhem. Tu és bem disposto e mui galante; se acertaras de saber cantar, nenhuma ave se comparará contigo. Soberbo o Corvo destes gabos e desejando de lhe parecer bem, levanta o pescoço para cantar; porém abrindo a boca, caiu-lhe o queijo. A Raposa o tomou e foi-se, ficando o Corvo faminto e corrido de sua própria ignorância.

XXIX

O LEÃO E OS OUTROS ANIMAIS

Estava um Leão doente e fraco de velho, e vindo um Porco-Montês, que lhe lembrou ser maltratado dele noutra tempo, deu-lhe uma forte trombada, e passou. Veio um Touro e escomou-o, e outros muitos animais por se vingarem o maltrataram. Por derradeira veio um asno e deu-lhe dous couces, com que lhe derrubou as queixadas. Chorava o Leão, dizendo: - Tempo sei eu que todos estes só de meu bramido tremiam e nenhum havia tão forte, que não fugisse de se encontrar comigo, agora que me vêem fraco, todos querem vingar-se, e não há quem não se me atreva.

XXX

AS RÃS E JÚPITER

As Rãs, no outro tempo, pediram a Júpiter que lhes desse rei, como tinham outros muitos animais. Riu-se Júpiter da ignorante petição, e deferindo a ela, lançou um madeiro no meio da lagoa. Começaram as Rãs a ter-lhe respeito, porém desde que entenderam que não era cousa viva, de novo tornaram a Júpiter pedindo rei. Agastado Júpiter da importunação, deu-lhes a Cegonha, que começou a comê-las uma a uma. Vendo elas esta crueldade, foram-se com queixas, e por remédio a Júpiter, mas ele as lançou de si, dizendo: - Andai para loucas: já que vos não contentastes do primeiro rei, sofri este, que tanto me pedistes.

XXXI

AS POMBAS E FALCÃO

Vendo-se as Pombas perseguidas do Milhano, que as maltratava de quando em quando, e buscando como poderiam livrar-se, quiseram valer-se do Falcão. Tomou este o cargo de as defender; mas começou a tratá-las muito pior, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remédio, diziam: Com razão padecemos, pois não nos contentando do que tínhamos, soubemos tão mal escolher cousa que tanto nos importava.

XXXII

O PARTO DA TERRA

Em certo tempo, começou a Terra a dar urros, e inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente mui pasmada, e cheia de temor, e receosa que nascesse algum monstro proporcionado com a mãe, que pudesse destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, pariu a Terra um Murganho, e ficou sendo riso o que antes era medo.

XXXIII

O GALGO VELHO E SEU AMO

A um Galgo velho, que havia sido muito bom, se lhe foi uma lebre dentre os dentes, porque quase já os não tinha. O amo por isso o açoitou

cruelmente, e lançou de si, como cousa que nada valia. Disse o Galgo: - Deves, senhor, lembrar-te como te servi bem enquanto era moço, quantas lebres tomei, e quanto me estimavas: agora que sou velho, e estou posto no osso, por uma que me fugiu, me açoutas, e lanças fora, devendo perdoar-me e pagar-me bem o muito que te tenho servido.

XXXIV

AS LEBRES E AS RÃS

Vendo-se as Lebres corridas dos Galgos e espantadas de todos os animais, assentaram por não passar tanto sobressalto, de se matarem afogadas em um rio; e querendo dá-lo à execução, como corressem com ímpeto para se arremessarem na água, chegando à borda dela viram grande número de Rãs saltarem com medo na ribeira. Reportaram-se as Lebres um pouco, e mudando o conselho, disseram: - Pois que vivem estas Rãs, havendo medo de nós e de todos os que no-lo causam, soframos nós a vida, que já há outros mais acossados e medrosos.

XXXV

O LOBO E O CABRITO

Uma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa e mandou-lhe que não abrisse ao Urso, nem Lobo, que ali viesse, porque morreria. Ida ela veio um Lobo, e fingindo a voz de Cabra, começou a afagar o Cabrito, dizendo: - Que lhe abrisse, que era sua mãe. Ouvindo isto o Cabrito, chegou à porta e por uma fenda olhou e viu o Lobo, e sem outra resposta virou as costas e recolheu-se em casa. O Lobo foi-se, e ele ficou salvo.

XXXVI

O CERVO, O LOBO E A OVELHA

Demandava o Cervo à Ovelha falsamente certo trigo, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha pudera negar-lho, mas receou, porque estava um Lobo, de companhia com o Veado, e assim com dissimulação lhe disse: - Rogo-te por tua vida, que esperes alguns dias, e então averiguaremos nossas contas, que eu te pagarei quanto te dever. Foi contente o Cervo. Porém tanto que ambos se encontraram sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, que nem lhe devia trigo, nem lho devia de pagar.

XXXVII

A CEGONHA E A RAPOSA

Sendo amigas a Cegonha com a raposa, a Raposa a convidou um dia a jantar. Chegado o tempo, preparou a Raposa ardilosa uma comida líquida, manjar como papas e a estendeu por uma lousa, e importunava a Cegonha a que comesse. Mas como ela picava na lousa, quebrava o bico, e nada tomava nele, com que se foi faminta para o ninho. Mas por se vingar, convidou a Raposa outra vez e lançou o manjar em uma almotolia, donde comia com o bico, e pescoço comprido. E a Raposa não podendo meter o focinho, se tornou para sua casa, corrida e morta de fome.

XXXVIII

A GRALHA E OS PAVÕES

Fez-se a Gralha bizarra e louca vestindo-se de penas de Pavões, que pediu emprestadas e desprezando as outras Gralhas, andava com os Pavões de mistura. Porém eles lhe pediram as suas penas, e começando a depená-la, todos lhe levavam penas e carne no bico. Depois querendo chegar-se às outras, ainda que com temor e vergonha, diziam elas: Quanto te valera mais contentares-te com o que te deu a natureza, que queres mudar de estado; para vires a este em que estás, pelada, ferida e vergonhosa.

XXXIX

A FORMIGA E A MOSCA

Entre a Mosca e a Formiga, houve grande altercação sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: - Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como viandas preciosas, e assento-me à mesa com o rei, e dou beijos nas mais formosas damas. Tu mal-aventurada, sempre andas trabalhando. Respondeu a Formiga: Tu és douda ociosa. Se pousas uma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e imundícias, aborrecida de todos; se te pões no rosto das damas ou à mesa com o rei, não é por sua vontade, senão porque tu és enfadonha e importuna.

XL

A RÃ E O TOURO

Andava um grande Touro passeando ao longo da água, e vendo-o a Rã tão grande, tocada de inveja, começou de comer, e inchar-se com vento, e perguntava às outras se era já tão grande. Responderam elas que não. Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar; e desenganada do muito que lhe faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou tão rijamente, que veio a arrebentar com cobiça de ser grande.

XLI

O CAVALO E O LEÃO

Viu o Leão andar comendo o Cavalo em um outeiro, e cuidando em que maneira faria que lhe esperasse para o matar, chegou-se com palavras amigas, dizendo que era médico, se queria que o curasse. O Cavalo, que o conheceu e entendeu, disse com dissimulação: - Em verdade, vens, amigo a bom tempo, que tenho neste pé um estrepe de que estou maltratado. Chegou-se o Leão a ver-lhe o pé; e o Cavalo o levantou e lho assentou nas queixadas, em modo que ficou embaraçado; e tornando em si, vendo era ido o Cavalo, disse: - Por certo que fez bem em me ferir e ir-se, pois eu queria comê-lo e não curá-lo.

XLII

AS AVES E O MORCEGO

Havia guerra travada entre as Aves e outros animais, que, como eram fortes, andavam as Aves maltratadas e vencidas. Temeroso disto, o Morcego passou-se do bando contrário e voava por cima dos animais de

quatro pés, posto já de sua parte. Sobreveio a Águia em favor das Aves, e alcançaram vitória. E tomando o Morcego, em castigo de traição, lhe mandaram que andasse sempre pelado e às escuras.

XLIII

O CAVALO E O ASNO

Indo o Cavalo com jaezes ricos de seda e ouro de muito preço, encontrou no caminho um Asno carregado, e disse-lhe com muita soberba: - Animal descomedido, porque não me dás lugar, e te desvias para que eu passe? Calou e sofreu o pobre Asno. Mas daí a poucos dias emanqueceu o Cavalo, e puseram-no de albarda para servir. Acertou o Asno de o achar carregado de esterco, e disse-lhe: - Que vai, irmão, onde está vossa soberba, porque não mandais agora que me arrede, como fazias em outro tempo?

XLIV

O FALCÃO E O ROUXINOL

O Falcão uma manhã se apossou do ninho onde o Rouxinol tinha seus filhos, e quis matá-los. Começou o Rouxinol com muita brandura a rogar-lhe que não os matasse, e que o serviria. Disse o Falcão, que era contente, se cantasse de modo que o satisfizesse. Começou o triste Rouxinol a cantar muito sentido, e suave. Porém o Falcão mostrando-se descontente da música, começou a comê-los. Chega nisto por detrás um caçador e lança ao Falcão um laço em que o prendeu e o levou arrastos, e o Rouxinol ficou livre.

XLV

AS ÁRVORES E A MACHADA

Um machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, sem ele não podia cortar. Disseram as Árvores ao Zambujeiro, que lhe desse o cabo. E como o machado esteve encavado, um homem com ele começou a fazer madeira, e destruir o arvoredo. Disse então o Sobreiro ao Freixo: - Nós temos a culpa, que demos cabo ao Machado para nosso mal; porque a não lho darmos, seguras pudéramos estar dele.

XLVI

O ASNO E O MERCADOR

Um tendeiro caminhando para a feira levava um Asno carregado de mercadorias, que de mui fraco, andava devagar. O Mercador cobiçoso com desejo de chegar, dava tanto no Asno, que não podia bulir-se, que caiu no caminho com a carga e morreu. Depois de morto o esfolaram e da pele lhe fizeram um tambor, em que andavam de contínuo rangendo e batucando.

XLVII

O RATO E A DONINHA

Uma Doninha, como de velha e cansada, não pudesse já caçar, usava esta manha: Enfarinhava-se toda e punha-se mui queda a um canto da casa. Vinham alguns Ratos que cuidando ser outra coisa, chegavam por comer, e ela os comia. Por derradeiro veio um Rato velho, que tinha já escapado de muitos trances, e posto de longe disse: - Por mais artes que uses, não me colherás. Engana tu a esses pequenos; mas eu, conheço-te bem, não hei-de chegar a ti. E dizendo isto, foi-se.

XLVIII

A RAPOSA E AS UVAS

Chegava a Raposa a uma parreira, viu-a carregada de uvas maduras e formosas, e cobiçou-as. Começou a fazer suas diligências para subir, porém como estavam altas e íngreme a subida, por muito que fez, não pôde trepar; pelo que disse: - Estão uvas em agraço e botar-me-ão os dentes, não quero colhê-las verdes, que também sou pouco amiga delas. E dito isto se foi.

XLIX

O PASTOR E O LOBO

Fugiu um Lobo de um caçador que vinha em seu seguimento, e diante de um Pastor se escondeu em umas moutas, rogando-lhe que se o caçador lhe perguntasse, dissesse era ido. Ficou o Pastor de o fazer. E chegado o caçador, perguntando pelo Lobo, o Pastor lhe dizia que era ido, mas com a cabeça lhe acenava para onde estava; não atentou o caçador nos acenos, e foi-se. Saiu o Lobo e disse-lhe o Pastor: - Que vai amigo, muito

me deves, bom valedor tiveste em mim. Valeu-me a mim minha ventura, (respondeu o Lobo) e não te entender o caçador; pelo que nada te devo, antes se bendigo a tua língua, amaldiçoo a tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

L

O ASNO E A CACHORRINHA

Vendo o Asno que seu amo brincava com uma Cachorrinha, e se alegrava com ela, e a tinha à mesa, dando-lhe de comer, porque o afagava vinda de fora e saltava nele, creio que se o outro tanto lhe fizesse, também seria estimado; e com essa inveja se vai ao senhor em entrando de fora e pondo-lhe as mãos sobre os ombros, começou a lamber-lhe o rosto com a língua. Espantado o amo, brada, e acodem os criados e a poder de muitas pancadas tornaram a meter o Asno em sua estrebaria.

LI

O LEÃO E O RATO

Estando o Leão dormindo, andavam uns Ratos brincando ao redor dele, e saltando-lhe por cima, o acordaram. Tomou ele um entre as mãos, e estava para o matar, mas pelo ter em pouco, e pelos muito rogos, com que lhe pedia, o soltou. Sucedeu daí a pouco tempo cair o Leão em uma rede, onde ficou liado, sem poder valer-se de suas forças. E sabendo-o o Rato, tal diligência pôs, que roeu brevemente os laços e cordéis, e soltou o Leão, que se foi livre, em paga da boa obra que lhe fez.

LII

O MILHANO E SUA MÃE

Estando o Milhano enfermo e receando a morte, que via já chegada, rogou de propósito a sua mãe que fizesse, por sua saúde, romarias aos Santos. Respondeu ela: De boa vontade, filho, as fizera, mas temo que não te prestem; porque como gastaste a vida toda em males e sempre com teu esterco sujaste os Templos dos Santos, receio que não me queiram ouvir, ainda que os rogue por sua saúde.

LIII

O PORCO E O LOBO

Estava uma porca com dores de parir, e um faminto Lobo se chegou a ela, dizendo que era seu amigo, e tinha dó de a ver desamparada, que queria servir-lhe de parteira. Bem entendeu a Porca que vinha ele por lhe comer os filhos; e dissimulando disse: Que não pariria enquanto ele ali estivesse, que era mui vergonhosa, e que se pejava dele, que era seu afilhado; portanto, que se fosse e a deixasse parir, e que depois tornaria. Fê-lo o Lobo assim, mas em se desviando dali, a Porca também se foi buscar um lugar seguro em parir.

LIV

O VELHO E A MOSCA

Repousava à soalheira um Velho calvo, com a cabeça descoberta, e uma Mosca não fazia senão picar-lhe na calva. Acudia logo o Velho com a mão, e como ela fugisse mui depressa, dava em si grandes palmadas, de que a Mosca gostava e se ria.. Disse o Velho: - Ride-vos, embora, de quantas vezes eu der em mim; que isso não me mata, mas se uma só vez vos acerta, ficareis morta, e pagareis o novo e o velho.

LV

O CORDEIRO E O LOBO

Andava um Cordeiro entre as cabras e chegou o Lobo, dizendo-lhe: - Não é este o teu rebanho, vem comigo, levar-te-ei a tua mãe. Respondeu o Cordeiro. – Não quero; porque esta cabra me quer muito, e me faz mais mimo que a seu próprio filho. Contudo (replicou o Lobo) melhor estarás com tua mãe. Bem estou aqui (disse o Cordeiro) não quero provar ventura, que por bem que me suceda, não deixará o pastor de me tirar o velho, e ficarei morrendo de frio.

LVI

O HOMEM POBRE E A COBRA

Um homem pobre costumava afagar e dar de comer a uma Cobra, que em sua casa trazia; e enquanto assim o fez, tudo lhe ia por diante. Depois, por certa agasta dura, fez-lhe uma grande ferida. E vendo que

tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade lhe pediu perdão. Respondeu a Cobra: - Eu de boamente te perdoo, mas não te há-de isto prestar para deixares de ser pobre; que esta ferida sempre me há-de doer, e sempre há-de estar pedindo vingança de ti.

LVII

O BUGIO, O LOBO E A RAPOSA

Querelou o Lobo da Raposa, dizendo que fizera um furto. Era juiz o Bugio. E a Raposa negou fortemente, disputando ambos diante do juiz e cada um descobriu quantas maldades sabia do outro. Depois de o Bugio os ouvir, pronunciou a sentença, dizendo: que o Lobo não provara bem ser-lhe feito furto: mas que ele entendera que a Raposa tinha furtado alguma cousa; portanto, condenava a ambos que ficassem entre si sempre desavindos, e suspeitosos.

LVIII

A FAIA E A CANANOURA

A Faia alta e direita não queria dobrar-se ao vento, antes vendo a Cananoura que se meneava facilmente, a aconselhava que estivesse tesa, sem dobrar-se. Respondeu a Cananoura: - Tu podes resistir e eu não, que não tenho raízes compridas, nem sou forte como tu és. Dizendo isto, veio um pé de vento com braveza, que arrancou a faia com raízes e tudo; mas a Cananoura, que se dobrou, ficou em pé.

LIX

A FORMIGA E A CIGARRA

No Inverno tirava a Formiga da sua cova a assoalhar o trigo, que nela tinha, e a Cigarra com as mãos postas lhe pedia que repartisse com ela, que morria à fome. Perguntou-lhe a Formiga: que fizera no Estio, porque não guardara para se manter? Respondeu a Cigarra: - O Verão e Estio, gastei a cantar e passatempos pelos campos. A Formiga então, perseverando recolher seu trigo, lhe disse: - Amiga, pois os seis meses de Verão gastaste em cantar, bailar é comida saborosa e de gosto.

LX

O CAMINHANTE E A ESPADA

Achou um Caminhante uma Espada bem guarnecida em meio da estrada, e perguntou-lhe quem a perdera, e deixara ali. Calou-se ela e esteve queda. Depois, sendo outra vez perguntada, respondeu: - Ninguém me perdeu a mim, ainda que me vês lançada neste chão, antes eu fiz perder a muita gente; que dando ocasiões a brigas, matei alguns homens de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mortos mais perdidos se não estavam em graça; porque caminharam para o Inferno.

LXI

O ASNO E O LEÃO

Encontrando-se em um caminho o Asno com o Leão, lhe disse: - Subamos a um outeiro, que quero que vejas os muitos animais, que hão medo de mim. Riu-se o Leão e foi com ele. Zurrou o Asno, e fez fugir grande número de lebres, coelhos, zorras e outros semelhantes. Disse-lhe então: - Que te parece? Vês este medo com que fogem de mim? Fogem de ti (respondeu o Leão) os fracos, que são os que cobram medo de ouvir bradar; mas eu sem brados desfaço às mãos os mais valentes; pelo que de nenhum, nem de ti tenho temor.

LXII

A GRALHA E A OVELHA

Uma Gralha ociosa pousou sobre o pescoço da Ovelha, e ali a repelava, e lhe tirava a lã, picando-a por entre ela. Virou a Ovelha o rosto, dizendo: - Esta manha ruim e antiga haveis de deixá-la esquecer, que podeis ir picar um rafeiro no pescoço e matar-vos-á levemente. Respondeu a Gralha: - Já sou velha, e muito feia e conheço a quem posso agravar e a quem devo afagar. Não temas que me ponha no pescoço do cão, senão no teu, que me não podes fazer mal.

LXIII

O BOI E O VEADO

Por fugir o Veado de um caçador, se acolheu à vila, e entrando medroso em uma estrebaria, achou o Boi, a quem perguntou se podia

esconder-se ali. Disse o Boi, que era muito certo o morrer e que antes devera tornar-se ao mato, e contudo o escondeu, e o cobriu de palha. Veio o dono da estrebaria e olhando por ele, viu as pontas do Veado. Foi descobri-lo, e achou o que era. Mas disse-lhe: Já que de tua vontade vieste à minha casa, não te quero matar, senão defender e fazer muitos mimos.

LXIV

O HOMEM E O LEÃO

Andando o Leão à caça, meteu um estrepe no pé, com que não podia bulir-se. Encontrou um homem e mostrou-lhe para que lho tirasse. Fê-lo assim o homem, e o Leão em paga partiu da caça com ele. Dali a muito tempo foi tomado este Leão para certas festas e nelas se lançavam homens para que os matassem. Entre eles lhe lançaram este que o curou, que estava preso por alguma culpas. Porém o Leão não só o não matou, antes se pôs em sua guarda, e o acompanhou toda a vida, caçando para ele.

LXV

O LOBO E A RAPOSA

O Lobo se aparelhou e proveu sua cova muito bem de mantimento. A Raposa chegou e disse, que obrigada de amor andava atrás dele, por vê-lo e servi-lo. Não quero o teu serviço, (disse o Lobo) que tua intenção não é senão roubar-me e comeres-me o que eu tenho. Vendo-se a Raposa alcançada, buscou quem matasse o Lobo, e meteu-se de posse da sua cova, e de quanto estava nela, mas sobrevivendo uns caçadores, foi achada dos cães e feita em pedaços.

LXVI

O LEÃO E OUTROS ANIMAIS

Eleito o Leão rei de todos os animais, prometeu de a nenhum fazer mal. E logo chamando-os a cortes, os pôs por ordem, e corria-os, dando-lhes a cheirar o seu bafo. Os que diziam que lhes cheirava mal, os matava. Os que diziam que bem, feria-os. Andando assim, chegou à Mona, e perguntou-lhe, como a todos, se lhe fedia o bafo. A Mona o cheirou, e dizendo que não fedia, se foi. Porém o leão, para a matar, se fingiu doente, e disse que sararia se a comesse. E por esta manha tomou ocasião de a matar.

LXVII

O VEADO E O CAÇADOR

Bebendo o Veado em uma ribeira, viu nos seus cornos ramos e as pernas delgadas, pareceram-lhe as pernas mal, e ficou pesaroso de as ter, e por outra parte tão satisfeito da formosura dos cornos, que se fez soberbo de contente. Ainda bem não saía da água, quando dá sobre ele um Caçador. Foi-lhe forçado valer-se dos pés, que pouco antes desprezara, e eles o punham em salvo. Mas entrando por um arvoredo basto, embaraçavam-se-lhe os cornos com os ramos das árvores, com que se embaraçou e foi tomado. Pelo que dizia, vendo-se preso e ferido: Grande parvo fui; que o que me era bom desestimei, fazendo muito caso do que me causou a morte.

LXVIII

A BICHA E A LIMA

Buscando a Bicha de comer na tenda de um ferreiro, foi topar com uma lima e quis roê-la, mas como os dentes não entravam pelo aço, dava-lhe muitas voltas virando-a de todas as bandas. Enfadada a Lima de andar aos tombos, lhe disse: Que fazes, parva? Não sabes que sou de ferro, e lima? Por muito que trabalhes desfarás os teus dentes; eu com os meus de aço bem temperado, cortarei dentes e qualquer arma a quem chegar, em pouco tempo.

LXIX

OS CARNEIROS E O CARNICEIRO

Estando juntos uns Carneiros, entrou o Carniceiro, e eles não se alvoroçaram, nem fizeram caso disso. Tomou o Carniceiro um e logo o matou; e nem com ver sangue temeram os outros. Foi por diante e os matou a todos um a um até o derradeiro, que, vendo-se manietado, disse: - Por certo, com razão padecemos, pois vendo o nosso mal não quisemos entendê-lo. No princípio às marradas nos poderíamos defender, vendo que nos matavam, então não quisemos; agora eu só não posso: e assim acabámos todos.

LXX

O LOBO E O ASNO DOENTE

Estava o Asno mal-disposto, e foi o Lobo visitá-lo, fazendo-se muito amigo. Tomou-lhe o pulso, correu-lhe a mão pelo rosto e disse: que queria curá-lo. Estava o Asno quedo, bem desejoso de se ver a cem léguas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos: perguntou onde lhe doía, e apertava-o e arrepelava-o tanto, que disse o Asno: - Onde quer que me pões a mão, logo aí me dói; mas rogo-te que te vás e não me cures, que ido tu, sararei logo.

LXXI

A PULGA E O CAMELO

Pôs-se uma Pulga sobre um Camelo carregado, e deixou-se ir sobre a carga uma jornada, no fim da qual saltou abaixo, e sacudindo-se, disse: - Folgo em verdade de me descer: porque tinha dó de ti; agora irás leve com pouca carga. O Camelo se riu deste cumprimento e respondeu: - Nunca te senti se te levava em cima, nem tu podes carregar-me nem aliviar-me; que não tens peso para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu não tens peso para te sentirem.

LXXII

O CAÇADOR E AS AVES

Consertava um pobre Caçador as varas do visco; e as Aves olhando, estavam cantando à sombra das árvores e gabando-o de benfeitor e primoroso. Um pássaro já experimentado lhes disse aos outros: - Fugamos

logo todos, porque este que vedes, não quer mais que enviscar-nos e prender-nos. Andemos pelo ar, até ver o que acontece a outra; porque este e todos como ele, quantos de nós houverem às mãos, ou lhes torcem o pescoço, ou lho cortam, e mortos, ou presos nos metem em sua taleiga.

LXXIII

O CERVO E O CAVALO

Pelejaram algumas vezes sobre o pasto, o Cervo e o bom do Cavallo, e porque o Veado com os cornos fez sempre fugir o Cavallo, foi-se a um homem e disse-lhe: - Põe-me um freio, uma sela e sobe sobre mim, e matarás um Veado que aqui anda. Fê-lo o homem assim. E morto o Veado, quis o Cavallo que se apeasse; mas o homem acolheu-se à posse e o Cavallo ficou sempre sujeito ao freio e sela, e a andar debaixo.

LXXIV

O BUITRE E MAIS PÁSSAROS

O Buitre convidou a banquete todas as outras aves, dizendo que queria solenizar o seu natal. Vieram muitas delas e recolhendo-as todas em um aposento, depois que foram horas de cear, como todas estivessem assentadas esperando, vem o Buitre e cerra as portas, e começa a matá-las a uma e uma. Todas com medo avoejavam, por não haver alguma que se atrevesse com ele. E enfim ele sem piedade as matou, porque para isso as convidou ou ao menos para as pilhar.

LXXV

A RAPOSA E O LEÃO

Fingindo-se o Leão enfermo, visitavam-no os outros animais; e de quantos entravam na cova, nenhum deixava sair. Eles obedeciam como a rei, mas o Leão a um e um os comia todos. Por derradeiro chegou a Raposa à porta da cova e perguntou-lhe: - como estava? Respondeu o Leão, - porque não entrava a vê-lo? Respondeu a Raposa – que não era necessário, que devia estar a casa cheia de gente; que ela via muitas pegadas dos que entravam, e nenhuma de que saíssem para fora.

LXXVI

O CARNEIRO GRANDE E OS PEQUENOS

Três Carneiros moços e um marroço andavam passando. Saiu o velho correndo e fugindo. Os outros estavam pasmados, sem saber a causa, e como não entendiam seu perigo, riam-se do medo, e fugida do marroço, o qual vendo-os escarnecer-lhes, disse: - Vós sois loucos e ignorantes; não vedes que quando vem o carniceiro sempre mata os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando ele vier e vos matar, pesar-vos-á de terdes escarnecido e esperado.

LXXVII

O LEÃO E O HOMEM

O Homem com o Leão altercavam sobre qual era mais valente. O Homem, para provar sua tenção, o levou a um sepulcro, onde estava de pedra um homem afogando um Leão, que tinha debaixo de si. O Leão se riu, de ver isto, dizendo: - Se não fora homem o que isto aqui pôs, pudera ter algum crédito, mas sendo homem é suspeito. Portanto, deixemos pinturas e provemos isto pelo braço. E logo isto dito estendeu o Homem no chão, e o matou com muita facilidade.

***FÁBULAS DE ESOPHO, VERTIDAS DO GREGO POR
MANUEL MENDES DA VIDIGUEIRA***

&&&

O Mestre Mocrurai tinha um discípulo muito jovem, que insistia com este para que o iniciasse no Caminho. Mocrurai, ou o Trovão Silencioso, como também era conhecido, considerava que ainda não havia chegado o tempo para iniciar o jovem nas questões mais profundas do Zen.

Mas, este insistia, e tantas eram as insistências, que Mocrurai chamou-o à sua sala de meditação, dizendo:

“Consegues ouvir o som de duas mãos quando batem uma na outra. Agora, quero que me mostres o som de uma mão.”

O jovem voltou para o seu quarto, com o problema a assoberbar-lhe a mente. Pela janela entrava o som de uma flauta de bambu entoando uma melodia serena.

Na manhã seguinte, munindo-se de uma flauta, na presença do Mestre, imitou a melodia que tinha ouvido na noite anterior. Este comentou:

“Não rapaz, esse não é o som de uma mão; estás muito longe da verdade.”

Voltou a meditar, e ouviu o som de gotas de água. Quando compareceu perante Mocrurai, imitou-o.

“Não, esse som é de gotas de água a cair num objecto metálico. Tenta de novo.”

O problema era de difícil resolução. Ouviu o som do vento nas frestas do mosteiro e o da brisa matinal nas folhas das árvores e arbustos, das conversas longínquas dos homens que trabalhavam nos campos, das raparigas a cantar e que em ranchos voltavam para a aldeia depois de um dia de trabalho, da água do ribeiro que por ali perto passava. Todos Mocrurai rejeitou.

O piar das aves, o sussurro da noite quieta, o ranger das madeiras, sons que também foram rejeitados,

Certo dia, o jovem apercebeu-se de que não tinha quaisquer outros sons para ouvir. Tinha ouvido tudo o que era audível, e, preparava-se para desistir, quando subitamente atingiu o *satori*.

Nada mais podendo ouvir, tinha atingido o som sem som, e com ele o som de uma mão.

História Zen

&&&

A purificação do cérebro é necessária. O cérebro é o centro de todos os sentidos; quanto mais afinados e atentos estiverem os sentidos, tanto mais vigilante estará o cérebro; ele é o centro da memória, o passado; é o depósito da experiência e do conhecimento, da tradição. Portanto, é limitado, condicionado. As suas actividades são planeadas, reflectidas, objecto do raciocínio, mas por funcionar dentro de limites, no tempo-espaço, não pode entender nem formular o que é integral, o todo, o absoluto.

Krishnamurti

&&&

Se encontrares o Buda, mata o Buda.
O importante é a nossa experiência pessoal.

&&&

Dias que se alongam –
Cada vez mais distantes
Os tempos de outrora!

Buson

&&&

Tan-Lin, discípulo de Bodhidharma, disse:

Os sábios não poupam o seu corpo, nem os seus bens, e nunca se cansam de ser generosos. São independentes e sem apegos.

Não se deixam enganar pelas aparências, e praticando as seis perfeições – *compaixão, moralidade, paciência, energia, meditação e sabedoria transcendente* –, não as usam em proveito próprio. Assim, sem pensar nisso nem lhe atribuir nenhum mérito, vivem no Amor de todas as criaturas, tranquilos, unidos em harmonia com o Dharma – *a lei, a virtude e o bem*.

Texto Zen

&&&

“Qual é a verdadeira natureza do Buda?”

O Mestre respondeu:

“O cedro do pátio.”

História Zen

&&&

Shaqiq encontrou Ibrahim Adham, que o questionou:

“Como estão os dervixes da tua cidade?”

“Muito bem.”

“Que queres dizer com isso?”

“Quando encontram agradecem; se não encontram, têm paciência.”

“Os cães fazem o mesmo na nossa cidade: quando encontram, comem; e quando não encontram, têm paciência.”

“Diga-me então, Ibrahim, o que devem fazer os dervixes?”

“Quando não encontrarem nada, que agradeçam, e quando encontrarem, que sejam moderados.”

História Sufi

&&&

Farfalhando,
A Primavera se vai
No capim do prado.

Issa

&&&

Iquiú foi um grande Mestre Zen.
Sua mãe, antes do passamento, deixou-lhe uma carta:

Terminei o meu trabalho nesta vida e regresso agora à eternidade. Desejo que sejas um bom estudante e alcances a tua natureza de Buda. Tu saberás se eu estou no Inferno e se permaneço contigo ou não.

Se te tornares num homem que compreende que Buda e o seu seguidor Bodhidharma são teus servos, poderás deixar de estudar e trabalhar para a humanidade. Buda pregou durante quarenta e nove anos e, em todo esse tempo, descobriu que não era necessário pronunciar uma

só palavra. Deves saber porquê. Mas se não sabes e contudo desejas sabê-lo, evita o pensamento estéril.

P.S. – O ensinamento de Buda teve sobretudo o propósito de iluminar os outros. Se dependeres de qualquer um dos seus métodos, não passarás de um insecto ignorante. Existem oitenta mil livros sobre o Budismo, e se tu os lesses todos, mas continuasses a não ver a tua própria natureza, não conseguirias compreender sequer esta carta. Esta é a minha última vontade e testamento.

Texto Zen

&&&

Pelas vigas da ponte,
Os raios de sol
Na névoa da tarde.

Hokushi

&&&

Depois de muito caminharem, sem abrigo à vista, enfrentando o frio e a neve, perguntou o discípulo:
“Para onde vamos, Mestre?”
Respondeu:
“Já lá estamos!”

História Zen

&&&

A viva conversa
Da capa e do guarda-chuva –
Chuva de Primavera.

Buson

&&&

O Imperador estudava Zen sob a orientação de Mestre Gudo.
Inquiriu-o:
“No Zen, a minha mente é Buda. Dizei-me se isto é correcto?”
Gudo, respondeu:
“Caso te diga que sim, vais julgar que compreendes sem que na verdade compreendas. Se disser que não, estarei a contradizer um facto que muitos mestres e discípulos a caminho da iluminação compreendem perfeitamente.”

História Zen

&&&

Ao derreter-se a neve,
A aldeia enche-se
De crianças!

Issa

&&&

Um discípulo abordou o seu Mestre e disse-lhe:

“Estou ansioso por compreender tudo o que ensinai para atingir a Iluminação. Quanto tempo, Mestre?”

“Talvez dez anos...”

“Tanto tempo, Mestre. Eu desejo ardentemente conhecer todos os segredos do Zen. Trabalharei redobrado, estudarei sem cessar os sutras, meditarei até ao desvanecimento. Quanto tempo demorará até que atinja os meus objectivos?”

O mestre reflectiu um pouco, e respondeu:

“Nesse caso, talvez vinte anos sejam suficientes.”

História Zen

&&&

Mar de Primavera –
O dia todo,
Ondula, ondula...

Buson

&&&

Mestre Gazane costumava dizer:

“Um mau discípulo usa a influência do seu Mestre.

Um discípulo razoável admira a bondade do seu Mestre.

Um bom discípulo fortalece-se sob a disciplina do seu Mestre.”

Texto Zen

&&&

Sobe

Do barraco do mendigo

Uma linda pipa.

Issa

&&&

O Mestre disse aos discípulos, que discutiam acerca da subjectividade e da objectividade:

“Vêm aquela pedra? Estará ela no interior ou no exterior da vossa mente?”

Um dos mais evoluídos, disse:

“Segundo a doutrina do Budismo, tudo é objectivação da mente. Assim, direi que está no interior da minha mente.”

Gracejou o Mestre:

“Bem pesada deve estar a tua cabeça, carregando com uma pedra de tão grandes dimensões.”

História Zen

&&&

Não pertence ao indivíduo a capacidade de criar. Ela cessa de existir quando prevalece a individualidade, com suas aptidões, talentos, técnicas, etc. Criar é seguir o movimento da incognoscível essência do todo; a criação jamais exprime a parte.

Krishnamurti

&&&

Que coisa horrível!
Os gatos enamorados
Derrubaram o muro.

Shiki

&&&

Um jovem monge era o responsável pelos cuidados a prestar no jardim de um célebre mosteiro Zen.
Aguardava-se uma visita importante. O jardim foi limpo, as plantas podadas, nada foi descuidado.

O monge jardineiro, vendo que se aproximava um dos monges mais idosos e experientes, perguntou a sua opinião. Este, sem nada responder, aproximou-se de uma árvore de folha caduca e balançou-a de modo a que muitas das suas folhas se espalharam pelo jardim.

“Agora sim”, disse, “o equilíbrio é quase perfeito.”

História Zen

&&&

Como é difícil e até mesmo indesejável a acção gratuita. Os valores sociais baseiam-se na acção que visa um resultado. Eis o que torna estéril e vazia a existência. E, isto é também a causa do descontentamento desintegrador.

Krishnamurti

&&&

Sobre o sino,
Pousada dormita
A borboleta.

Busson

&&&

“Que milagres, que poderes miraculosos deténs, grande Mestre Zen? O fundador da nossa seita, fazia coisas que só aos deuses seria permitida.”

Disse o Mestre com a sua habitual serenidade:

“O meu milagre é que quando tenho fome, como, quando tenho sede, bebo, e quando estou cansado, repouso.”

História Zen

&&&

Da criança da aldeia
A pele ainda branquinha –
Flor de pessegueiro.

Chiyo-jo

&&&

Falava Moisés com Alá, quando lhe pareceu ouvir uma voz que dizia:
“Moisés, protege o que procura refúgio.” Saiu da sua contemplação e ouviu uma pomba:

“Socorro, auxilia-me Moisés.”

Moisés abriu a túnica da sua manga, e a pomba escondeu-se nela.

Pouco tempo havia decorrido, quando apareceu uma poderosa águia.

Disse:

“Tens contigo, algo que me pertence. Quero que me entregues a pomba que tens escondida na manga do teu manto.”

“Alá ordenou-me que desse refúgio aos que buscam e necessitam de abrigo”, e dito isto, Moisés preparava-se para retirar com uma faca um pedaço da sua coxa.

Disse-lhe a águia:

“Não sabes que me está vedado comer a carne dos profetas? Que eu jurei nunca a comer?”

Começou então, a voar em círculos por cima do Profeta. A pomba pediu a Moisés que a deixasse partir. Moisés advertiu-a:

“A águia sobrevoa-me. Se partires, caçar-te-á.”

“Aquele que deu a sua palavra não a tomará de volta e assim saberá mantê-la”, disse-lhe a pomba.

Moisés soltou a pomba, e as duas aves juntas sobrevoavam-no.

Uma voz disse:

“A águia é Gabriel, e a pomba Miguel. Eles vieram ver se sabes manter a tua palavra.”

História Sufi

&&&

Gostaria de vos lembrar as palavras de Tosui:

“Não vos deixeis embriagar pela associação com os nobres e poderosos.”

&&&

O Profeta Maomé presidia à oração da manhã numa mesquita, encontrando-se no meio dos presentes um Aspirante.

Maomé leu a passagem do Alcorão em que o faraó dizia ao povo:

- Eu sou o vosso Deus.

Face a tal blasfémia, o Aspirante indignou-se e falou bem alto no meio dos fiéis dizendo:

- Como é orgulhoso este “filho da puta!”.

Maomé absteve-se tranquilamente de fazer qualquer comentário. No entanto, a maioria dos presentes não cessavam de repreender e recriminar o

pobre jovem pela sua irreflectida atitude, fundamentalmente pelas palavras proferidas atentatórias da dignidade do profeta e do lugar.

O Aspirante ficou de tal forma envergonhado que nada dizia, escondendo-se visivelmente consternado.

Nisto, o Anjo Gabriel apareceu a Maomé dizendo-lhe:

- Alá saúda-te e quer que digas a essa gente, que cesse de recriminar o pobre jovem. Verdadeiramente, o palavrão por ele proferido tocou mais o seu coração do que as orações de muitos outros. A impureza não está nas palavras, mas na contaminação do coração, não está nas aparências, mas nas essências.

História Sufi

&&&

Existiu um Mestre que abandonou templos e mosteiros para viver debaixo de uma ponte, com mendigos e vagabundos.

Estando velho, um seu amigo ensinou-o a fazer vinagre a partir do arroz; assim poderia ganhar a vida sem mendigar. Deixou o relento e conseguiu arrendar um pequeno quarto.

Certo dia um mendigo, ofereceu-lhe uma imagem de Buda. Pendurou-o no seu exíguo aposento e ao lado uma inscrição:

“Sr. Buda. Este quartinho é bastante estreito e pequeno. Posso deixá-lo ficar transitoriamente, mas não pense em momento algum, que estou a pedir-lhe que me deixe renascer no seu paraíso.”

História Zen

&&&

Início de Inverno –

Minha filha de dois anos
Ensino a usar hashi

Gyôdai

&&&

O poeta Bashô encetou uma viagem para um local onde se dizia existirem belas flores.

No caminho, ouviu contar a história de uma jovem cuja dedicação a seus velhos pais era incomum.

Acorreu a visitá-la e ficou tão impressionado com o seu carácter e compaixão, que decidiu dar-lhe todo o dinheiro que transportava para os gastos com a digressão.

Retornou a casa sem a visão das flores e disse:

“Este ano, vi algo muito melhor que flores.”

História Zen

&&&

Estrelas, surgindo

Aqui e acolá –

Ah, o frio!

Taigi

&&&

Moisés chegou um dia com o rebanho que apascentava a um vale infestado de lobos. Estava exausto, a sua capacidade de tomar conta das ovelhas tinha-se dissipado. O cansaço e o sono iriam vencê-lo. Sabia que se adormecesse, os lobos viriam e devastariam o rebanho.

Olhou para o céu, e disse:

“Alá, a Tua ciência envolve todas as coisas, a Tua vontade supera todos os obstáculos, Tua decisão precede todo e qualquer acto.”

Dito isto, deitou-se e adormeceu tranquilamente.

Quando acordou, viu espantado que um dos lobos se tinha apoderado do seu bastão e com ele protegia o rebanho dos restantes.

Alá, segredou-lhe:

“Moisés, seja para Mim tal qual Eu quero e Eu serei para ti tal qual desejas.”

História Sufi

&&&

Nem mesmo uma pedra
Para atirar ao cãozinho –
Lua de Inverno.

Taigi

&&&

Um mestre lavava intocáveis (leprosos) com as suas próprias mãos.

Um Senhor, que assistia horrorizado, trouxe-lhe de imediato uma bacia com água para que se lavasse.

Disse o Mestre:

“O teu nojo é mais sujo que as suas chagas.”

História Zen

&&&

O importante é a destruição, não a mudança; esta é apenas a continuidade modificada do que foi. Todas as reformas sociais e económicas são meras reacções, uma continuidade modificada do que sempre existiu. Essa mudança não destrói as raízes do egocentrismo.

A destruição, no sentido em que empregamos a palavra, é sem motivo; é uma acção que não visa a objectivos nem resultados. A destruição da inveja é um processo total; tal acção, isenta de motivo, elimina a repressão e o controlo.

É possível realizar esta destruição; basta, para tanto, ver a totalidade da inveja. Esta percepção é instantânea; ela não depende do tempo e do espaço.

Krishnamurti

&&&

Gazane estava junto do seu Mestre quando este estava para morrer. Gazane já estava indigitado como seu sucessor.

O templo havia ardido e Gazane estava empenhado e absorvido na sua reconstrução.

O Mestre agonizante, perguntou-lhe:

“Planeias algo, para quando a reconstrução estiver terminada?”

“Sim, quero que profiras os teus ensinamentos para todos nós”, respondeu Gazane.

“Supõe que a minha vida termina antes da reconstrução ter findado.”

“Teremos de arranjar outro Mestre.”

“E se não encontrares nenhum Mestre à altura?”

Com a voz alterada, disse Gazane:

“Pára de fazer perguntas absolutamente idiotas. Limita-te a adormecer.”

História Zen

&&&

As estrelas no lago
Aparecem e desaparecem –
Chuva de Inverno.

Sora

&&&

Os ambiciosos desconhecem o belo. A beleza está na percepção da essência de todas as coisas.

(...)

No auge da paixão e da sensibilidade é que experimentamos a essência das coisas. Isto é, a beleza, que transcende a palavra e o sentimento. O volume e a proporção, a luz e a sombra estão limitados pelo tempo e pelo espaço, presos na contradição do belo e do feio. A beleza em si transcende a linha e a forma, o saber e a erudição.

Krishnamurti

&&&

O filho de Yamamoto Yasuo, que se apelidou a si mesmo de Grande Louco, adorava brincar com crianças, dizendo:

“Gosto da sua ingenuidade, da sua ausência de falsidade.”

Costumava ainda dizer:

“Há três coisas que aborreço profundamente: a poesia dos poetas, a escrita dos escritores e a cozinha dos cozinheiros.”

Texto Zen

&&&

O sucesso é brutal. Tanto no campo político quanto no religioso, como na arte ou no mundo dos negócios. A conquista do sucesso conduz à ausência de compaixão.

Krishnamurti

&&&

Todo o que fala o que sente e o que pensa, sem reservas, ou é considerado louco ou franco, consoante o grau da sua liberdade.

Uns poucos, elogiam-no, enquanto que os restantes o caluniam.

Esse foi o caso do médico Yushoshi.

&&&

Acenda o fogo
Que lhe mostro algo belo –
Uma grande bola de neve.

Bashô

&&&

Numa aldeia, havia uma jovem solteira e bastante bela. A sua família apesar de pobre, procurava que o comportamento dos seus membros fosse irrepreensível. No entanto, a jovem engravidou, escondendo o seu estado até que se tornou perfeitamente visível e inequívoco.

O pai, homem grave e algo rude, chamou o médico da vila mais próxima, que lhe confirmou as suspeitas. A partir daí, questionou-a centenas de vezes quanto à identidade do pai da criança. Mas por resposta apenas tinha choro e silêncio. A jovem estava numa angústia de morte e recusava-se a falar.

Nada mais lhe restava. Teria de agir pela força. Por via desta, após múltiplas agressões, a jovem confessou que o pai era o monge budista, que estava no templo em meditação constante.

A notícia depressa se propagou na aldeia, com a conseqüente consternação de uns e indignação de outros, que julgavam o bom monge um santo.

Os pais acompanhados por muita gente da aldeia irromperam no templo, e injuriaram o monge. Não era possível, mesmo impensável, que um homem tão respeitado pudesse ter sido consumido pelos desejos da carne e abusado depravadamente de uma jovem, violando a Santa Regra e os mais básicos princípios éticos. Disseram-lhe, depois de terem esgotado todas as humilhações:

“Sendo o pai da criança, terás de assumir a sua educação e alimentação.”

“Assim seja, assim seja” – respondeu o monge.

Quando o bebé nasceu entregaram-lho, e o monge, por sua vez, confiou-o a uma mulher da aldeia, a troco de uma retribuição acordada.

A partir deste momento a sua reputação ficou completamente destruída. Nenhum aluno o procurou, ninguém quis voltar a ouvir as palavras que haviam julgado sábias. Como é que um pecador podia dissipar as suas dúvidas ou auxiliá-los na busca da Verdade?!

Ainda não tinha decorrido um ano, e a moça cheia de remorsos e sentimentos de culpa, confessou que o monge não era o pai da criança, mas antes um jovem da aldeia por quem se apaixonara, e que não quis incriminar com receio de represálias exercidas sobre o mesmo.

Pais da moça e restantes habitantes da aldeia, arrependidos das acusações falsas que haviam proferido, foram penitenciar-se junto do monge, suplicando-lhe o perdão, e que devolvesse a criança, por não ser sua filha.

“Assim seja, assim seja” – respondeu o monge, retomando de imediato a meditação que interrompera.

História Zen

&&&

“Pouso para a noite!”

E joga sua espada ao chão –
Tormenta de neve.

Buson

&&&

Perguntaram a um erudito que havia corrido mundo, se tinha algo a dizer sobre algum homem em especial que tivesse conhecido nas suas inúmeras viagens.

Respondeu:

“Viajei pelos sete climas, mas no mundo inteiro não vi mais do que um homem e meio.

A unidade, foi um homem que morando numa zawya não falava nada de bom nem nada de mal de ninguém.

A metade, era um homem excelente nisto, que das pessoas somente falava o bem.”

História Sufi

&&&

Anoitece mais cedo –
As estrelas brilham
Sobre o campo seco.

Buson

&&&

Conta-se que Kakua foi o primeiro japonês a estudar Zen na China, mas dele nada se sabe – *nem é reconhecido como o Mestre que levou o Zen para o Japão* –, apenas uma nota musical, conforme a história que se segue.

Kakua viveu na China numa remota montanha, depois de ter aprendido os ensinamentos Zen. Sempre que alguém o procurava, sussurrava algumas palavras e desaparecia para outro lugar, onde fosse mais difícil encontrá-lo.

Quando regressou ao Japão, o Imperador teve conhecimento da sua iluminação Zen e solicitou que este o doutrinasse e aos seus súbditos mais eloquentes.

Levaram-no até ao palácio imperial, e vasta audiência aguardava ansiosa a sua prelecção.

Kakua entrou na sala do trono e manteve-se em silêncio durante algum tempo. Depois, retirou do seu manto uma flauta de bambu e tocou uma única nota, inclinou-se reverencialmente e desapareceu.

História Zen

&&&

Meu pai também
Viu estas montanhas –
Reclusão de Inverno.

Issa

&&&

Uma simples mulher perguntou ao Mestre Zen de famoso templo:
“Meu amado filho, faleceu. Ajuda-me, diz-me para onde foi?”
“Não sei!”, respondeu, e pensou para si:
“Se não consigo responder à questão última, que faço então aqui?”
Abandonou de imediato o cargo e isolou-se nas montanhas para meditar.

História Zen

&&&

O gato também
Se vem aqui sentar connosco –
Festa de fim de ano.

Issa

&&&

Ibrahim Ibn Adham foi um príncipe que renunciou ao seu reino. Dirigiu-se à Síria para levar uma vida de ascetismo, e começou a ganhar a sua vida como jardineiro.

Um dia, um homem tentou ofertar-lhe mil dinares.

“Não aceito nada de mendigos”, disse.

“Mas, eu sou rico”, disse o doador.

“Queres ter mais do que já possuis?”

“Claro que quero”, disse o homem rico.

“Então, leva contigo o teu dinheiro, és o chefe dos mendigos. Direi mais: isto já não é mendicidade, é a mais terrível das misérias.”

História Sufi

&&&

Varrer o chão
E então parar de varrê-lo –

Estas folhas secas.

Taigi

&&&

O jovem visitava todos os dias o Mestre, deleitando-se com algumas das suas raras dissertações. Mas, o que mais o impressionava era a sua abertura de espírito, e a capacidade de pôr em dúvida e questionar fosse o que fosse. Não só o fazia, como instigava todos a que o fizessem.

Habituará-se a pensar com plena autonomia, a observar o mundo e a si próprio, sem recurso a tradições, fórmulas, crenças, opiniões. Os seus livros iam sendo progressivamente destruídos, e em sua casa apenas restavam dois, de uma biblioteca que chegara a ter cerca de três milhares.

Uma noite de Inverno rigoroso, daquelas em que o frio gélido se entranha nas carnes, estando ambos sentados ao lume, disse o Sage:

- Tenho algo para ti. Algo que te pode ser precioso. Um livro que recebi do meu mestre e que antes deste foi de extrema utilidade a várias gerações. Encontrarás nele a resposta a muitas das tuas questões.

- Não necessito de livros. Tudo o que aprendi de ti, será muito mais do que esse amontoado de palavras me poderá oferecer. Assim continuarei – respondeu reverencialmente o jovem.

O Sage insistiu poisando-lhe o livro no colo. O jovem, inesperadamente lançou-o ao fogo crepitante, sendo de imediato consumido pelas chamas.

- Que loucura é que estás a fazer?

- Que loucura estás tu a dizer? – disse o jovem.

História Zen

&&&

O plantador de nabos,
Apontando com um nabo,
Ensina o caminho.

Issa

&&&

Mestre Iquiú visitou Ninacava no dia em que este se preparava para o passamento.

“Queres que te conduza?”, perguntou Iquiú.

“Que ajuda podes tu conceder-me? Sozinho cheguei e sozinho partirei.”

“Se pensas que aqui chegaste e que daqui partes, é essa a tua maior ilusão. Permite que te mostre o Caminho onde inexistes chegar e partir.”

Com estas palavras, o Caminho estava revelado, nada mais haveria a dizer; Ninacava, com um amplo e sereno sorriso nos lábios, abandonou este mundo.

História Zen

&&&

Em qualquer lugar
Onde se deixem as coisas,
As sombras do Outono.

Kyoshi

&&&

Man-na disse a um estudante:

“Se quiseres atingir rapidamente o domínio de todas as verdades e ser livre em todas as circunstâncias, não há nada melhor do que concentração na actividade. É por isso que se diz que os estudantes de misticismo que se esforçam por encontrar o Caminho, devem tomar assento no meio das coisas materiais.”

História Zen

&&&

Ah, lua de Outono –
Andando em volta do lago
Passei toda a noite.

Bashô

&&&

Passava Salomão junto de um formigueiro. Todas as formigas se apresentaram em sinal de submissão.
Apenas uma, atarefada com a contagem de um monte de grãos de areia, não se apressou.
Salomão ordenou que a chamassem, e disse-lhe:

“Formiga, o teu aspecto não é o de quem tenha energia para tal empresa; nem com a longevidade de Noé e com a paciência de Jó poderás levar a cabo o trabalho que empreendeste.

Disse a formiga:

“Grande rei, nesta via não se pode avançar senão com magnanimidade!”

História Sufi

&&&

Minha voz

Torna-se vento –

Colecta de cogumelos.

Shiki

&&&

Um comerciante da vila de um Mestre, face às necessidades deste em construir uma escola, decidiu doar-lhe mil moedas.

Levou o saco até ao mosteiro e entregou-o ao Mestre, que disse:

“Certo. Aceito o teu dinheiro.”

“Mas, toma atenção, são mil moedas...”

“Já o tinhas dito.”

“Na verdade, sou um comerciante com posses acima da média, mas mil moedas são grande quantia.”

“Entendo, queres que te agradeça o teu gesto?”

“Penso que devias.”

“Enganas-te, quem dá é que deve ficar grato pela doação realizada”, respondeu o Mestre.

História Zen

&&&

De noite minha sombra
Embebe-se na parede –
O grilo cricrila.

Ryôta

&&&

O Imperador Mahmud El-Ghazna passeava nos jardins do seu palácio com o sábio Ahmad Mussain, de quem se dizia que tinha o dom de ler os pensamentos. No entanto, o sábio, por várias vezes se havia escusado às insistências do Imperador para que fizesse uma demonstração dos seus poderes.

Este, recorreu a um ardil, para o experimentar.

“Ahmad, qual é a profissão daquele homem?”

“É carpinteiro.”

“Qual o seu nome?”

“Ahmad, como eu.”

“Será que comeu alguma coisa doce recentemente?”

“Sim, comeu”, respondeu Ahmad.

Chamado o carpinteiro, confirmou tudo o que o sábio dizia.

O Imperador disse-lhe:

“Ahmad, recusaste-te a fazer uma demonstração dos teus poderes. Mas, sem o notares eu fiz com que demonstrasses as tuas capacidades. Será que tens receio que o povo te transforme num santo, depois de eu revelar as tuas capacidades que excedem as dos humanos comuns? Como é possível que continues a ocultar a tua condição de Sufi?”

Ahmad, respondeu:

“Admito que posso ler pensamentos, mas o povo não se apercebe quando o faço e a minha dignidade não me permite exercer esse dom com propósitos frívolos. Farei tudo para que o meu segredo continue inviolável.”

“No entanto, admites que acabaste agora mesmo de utilizar os teus poderes?”

“Não, absolutamente. Vede Majestade. Quando me chamaste, o homem virou a cabeça na vossa direcção, o que foi indicação segura de que o seu nome é igual ao meu. No jardim, só dirigia o seu olhar para árvores de madeira aproveitável, donde deduzi que deveria ser carpinteiro. E percebi que algo de doce acabara de comer, porquanto vi o seu empenho em afastar as abelhas que tentavam pousar nos seus lábios. Apenas lógica, nada de dons ocultos...”

História Sufi

&&&

A criança às costas
Brincando com meu cabelo –
Que calor!

Sono-jo

&&&

Um discípulo perguntou a Mestre Dori:

“Qual a verdadeira essência do Budismo?”

Respondeu:

“Não façais nada violento, praticai somente o que é justo e equilibrado.”

“Mas até uma criança de tenra idade sabe isso!”

“Sim, mas é uma coisa difícil de ser praticada, até mesmo por um velho de oitenta anos”, respondeu o Mestre.

História Zen

&&&

Um aguaceiro –
Os pardais da aldeia
Agarram-se ao capim.

Buson

&&&

Shosan, disse:

O Budismo não é uma questão de usar o intelecto racional para governar o corpo. É uma questão de usar inteiramente o momento do presente, de forma imediata, sem o desperdiçar, sem pensar no passado ou no futuro.

É por isso que os antigos exortavam as pessoas a acautelarem-se, antes de mais nada, com o tempo: tal significa manter a mente liberta, varrendo dela todas as coisas, boas ou más, e desapegar-se do ego.

Texto Zen

&&&

“Será que a erva, as flores e as árvores irão acabar por atingir a iluminação?”

O Mestre respondeu:

“Qual o interesse desse tipo de discussão. A verdadeira questão, é a dúvida legítima que te deve preocupar, quanto à tua própria iluminação.

Vai para os teus aposentos, e medita nisso.”

História Zen

&&&

O importante é a destruição, o completo esvaziamento do cérebro, devendo a reacção e a memória dissipar-se sem qualquer esforço; dissipação envolve tempo, mas é o tempo que cessa, não a memória que termina.

Esse estado de infinita expansão, por que passávamos, diferia totalmente da simples paixão ou sentimento. E o cérebro adquiriu aquela qualidade única e intensa, totalmente livre do desejo e da vontade, ou da experiência do passado. O cérebro era mero instrumento do explosivo e criador poder da mente. Criação implica destruição.

Krishnamurti

&&&

O rio de Verão –
Que alegria atravessá-lo
De sandálias na mão.

Busson

&&&

Um dignatário do Império convidou os Mestres Da-yu e Yu-tang para o ensinarem na arte do Zen.

Yu-tang, tinha a noção da elegância e das palavras ocas da corte. Na presença do eminente senhor, disse:

“Pareceis-me um homem de inteligência superior e perfeitamente receptivo ao Zen. Isso irá trazer-vos benefícios num curto espaço de tempo; sereis concerteza um grande aprendiz do zen.”

Da-yu, sem suavidade, replicou:

“Que dizeis vós?! Não vislumbrais que estamos perante dura cabeça? Pode ter um cargo importante, pode ser reconhecido na corte, mas não entenderia o Zen, nem que este na cabeça lhe caísse.”

O senhor tornou-se discípulo de Da-yu.

História Zen

&&&

Oh, melões frescos,
Se alguém aparecer,
Transformem-se em rãs!

Issa

&&&

É fundamental o acto de olhar. Olhamos para as coisas imediatas e, preocupados em satisfazer as nossas necessidades básicas, olhamos para o futuro, colorido pelo passado. Essa visão é muito limitada e nossos olhos estão acostumados a ver aquilo que se acha mais perto de nós. Nosso olhar é tão limitado pelo tempo-espaco quanto nosso cérebro. Nunca olhamos, nunca vemos além deste limite; não sabemos como olhar através e além dessas fronteiras fragmentárias. Mas, os olhos têm de ver além delas, penetrando em profundidade e amplitude, sem discriminar, sem objectivar, sem fazer concessões; devem superar os limites das ideias e valores criados pelo homem e ser capazes, inclusivamente de transcender o próprio amor. Haverá então uma benção que nenhum deus pode conceder.

Krishnamurti

&&&

Na palma da mão,
Um vagalume –
Sua luz é fria!

Shiki

&&&

Hotei foi um Mestre Zen, que nunca ambicionou ter discípulos. Andava pelas ruas da cidade e num saco que transportava às costas, ia acumulando rebuçados, fruta, bolos, e outros alimentos que lhe ofertavam e que depois

distribuía pelas crianças que brincavam à sua volta. É interessante mencionar, que criou um jardim infantil. Chamavam-lhe o Chinês Feliz.

Quando encontrava no seu caminho gente piedosa, pedia-lhes uma moeda, e quando lhe pediam para permanecer num templo, de modo a ensinar os que se iniciavam na longa caminhada Zen, logo lhes pedia como resposta, uma moeda.

Um dia, andava pelas ruas, na sua costumeira actividade, e passou um Mestre Zen que lhe perguntou:

“Qual o significado do Zen?”

Hotei, deixou cair o saco no solo como resposta.

Volveu o outro:

“Qual a realização Zen?”

Hotei, o Chinês feliz, colocou o saco aos ombros, e seguiu o seu Caminho de sempre.

História Zen

&&&

Na minha cabana
É só assobiar
Que vêm os mosquitos!

Issa

&&&

Um monge estando em viagem, recolheu-se num templo. A noite estava particularmente fria e não iria conseguir sobreviver até à alvorada. Queimou uma imagem de Buda talhada em madeira.

O que é o “sagrado”?

&&&

Caramujo,
Suba sem pressa
O Monte Fuji!

Issa

Meditação é a atenção em que existe um estado de consciência sem escolha, do movimento de todas as coisas – o grasnido dos corvos, o serrote eléctrico cortando a madeira, a agitação das folhas, o riacho barulhento, o menino gritando, os sentimentos, os motivos, os contraditórios pensamentos e, indo mais profundamente, a percepção da consciência total. Nesta atenção deixa de existir o tempo, como o dia de ontem, que tem continuidade no de amanhã, e as distorções e movimentos da consciência aquietam-se e silenciam. Neste silêncio, há um imenso e incomparável movimento; movimento imperceptível, que constitui a essência do sagrado, da morte e da vida. Impossível é segui-lo, pois não deixa vestígio algum e é estático e silencioso; ele é a essência de todo o movimento.

Krishnamurti

&&&

Assim como a vela,

Mergulhada no silêncio,
A peónia.

Kyoroku

&&&

Rionene, cujo nome quer dizer “compreender claramente”, foi uma monja Budista famosa pelo seu conhecimento do Zen.
Quando estava prestes a deixar este mundo, escreveu este poema:

Sessenta e seis vezes viram estes olhos o mutável cenário do Outono.
Do luar disse já o bastante,
Não perguntes mais.
Ouve apenas a voz dos pinheiros e dos cedros quando não há vento.

História Zen

&&&

Sinos da tarde –
Na passagem da montanha
Tremula o bambu novo.

Jôsô

&&&

Em Gorgán vivia um sábio afamado, que tinha na sua casa uma gata de quem gostava muito. Andava livremente pela casa, limitando-se a comer apenas o que lhe davam.

Um dia, foi à cozinha e furtou um pedaço de carne da panela. O cozinheiro do sábio apercebeu-se e deu-lhe umas palmadas.

A gata, entristecida, aninhou-se num canto da sala, demonstrando descontentamento. O sábio, apercebendo-se, cuidou de questionar o cozinheiro, que lhe narrou o ocorrido.

Face a tal facto, o sábio chamou a gata e questionou-a:

“O que é que te levou a cometer tal acção?”

A gata saiu da sala e por três vezes retornou, trazendo todos os seus filhos recém nascidos. Colocou-os aos pés do sábio, e foi refugiar-se numa árvore, abrindo os olhos bem grandes e guardando silêncio absoluto.

O sábio disse aos que o rodeavam:

“O delito desta gata é perdoável. Não o cometeu a pensar em si, antes nos seus filhos. A sua conduta nada tem de reprovável, pois o amor materno é algo tão prodigioso como o amor de Alá pelas criaturas. Enquanto não temos filhos, não estamos em condições de compreender tal solicitude. Este animal deve ter sofrido muito, peça-lhe pois perdão.”

História Sufi

&&&

Quando penso
Em partir de viagem,
O fim da Primavera.

Kyoshi

&&&

A compreensão independe do tempo. A compreensão está sempre no presente, nunca no amanhã; é agora ou nunca; o que existe é o presente.

&&&

Um gato sem dono
Dormindo sobre o telhado –
Chuva de Primavera.

Taigi

&&&

Há paixão quando não há nenhuma exigência interior

Krishnamurti

&&&

Campo de Primavera –
Para onde vão, de onde vêm

Estas pessoas?

Shiki

&&&

Subuti, discípulo de Buda, era dos poucos capazes de entender a força do vazio, o ponto de vista segundo o qual nada existe, salvo na sua relação de subjectividade e objectividade.

Subuti estava sentado a meditar de baixo de uma árvore, quando começaram a cair flores à sua volta.

Ouviu:

“Louvamos-te pelo teu discurso sobre o Vazio.”

“Mas eu não discurssei sobre o Vazio, não pensei no Vazio...”, respondeu.

“Tu não falaste do Vazio. Nós não ouvimos Vazio. Este é o verdadeiro Vazio”, disse a voz.

Nisto, uma chuva de flores inundou Subuti.

História Zen

&&&

Uma pipa
No mesmo lugar
Do céu de ontem!

Buson

&&&

Muito poucos contemplam as montanhas e se detêm para olhar uma nuvem no céu. A maioria das pessoas, olha, faz algum comentário e passa adiante. As palavras, os gestos e a própria emoção dificultam a contemplação.

Sem contemplação da natureza do que nos rodeia, inexistente meditação. Encontrar o Buda, não basta.

&&&

Como se neste mundo
Não tivesse mais esperanças,
Vai-se a borboleta!

Issa

&&&

Aconchegantes,
Os raios do sol de Inverno –
Mas que frio!

Onitsura

&&&

“O que é o Zen?”

“Não sei bem, mas julgo que se o compreenderes perderás o medo da morte.”

“Vou procurar um Mestre.”

“Procura Nan-In”, disse um dos amigos.

“Quero praticar Zen”, disse o médico a Nan-In.

“Vai para casa, e cuida com bondade dos teus doentes, da tua família.”

“Como poderei assim, perder o medo da morte?”

“Digo-te, cuida com diligência e amor dos teus doentes, esse é o Zen que buscas. Agora, vai-te.”

Perante a insistência do médico, Nan-In, deu-lhe um Koan para meditar.

Isso, absorvia-o, mas cada vez cuidava melhor dos seus pacientes, e sem que por tal desse, libertou-se das suas estúpidas preocupações com a morte.

História Zen

&&&

Sem ter companhia,
E abandonada no campo,
A lua de Inverno.

Roseki

&&&

O mestre Zenguetsu escreveu para os seus discípulos:

- Viver no mundo e, no entanto, não criar apego ao pó do mundo é o caminho de um verdadeiro estudante de Zen.
- Ao testemunhar a boa acção de outrem, encoraja-te a seguir-lhe o exemplo. Ao saber do erro de outrem, diz a ti próprio que o não deves imitar.
- Ainda que estejas só, num quarto totalmente às escuras, age como se tivesses perante ti um respeitoso hóspede.
- Exprime com franqueza os teus sentimentos, mas não te tornes mais expressivo do que a tua verdadeira natureza.
- A pobreza é o teu tesouro. Nunca a troques por uma vida ociosa, de lazer.
- Uma pessoa pode parecer um louco e no entanto não o ser. Poderá estar apenas a guardar cuidadosamente a sua sensatez.
- As virtudes são o fruto da autodisciplina e não caem do céu por si próprias como a chuva ou a alva neve.
- A humildade é o alicerce de todas as virtudes. Deixa que teus vizinhos te descubram, antes de te apresentares.
- Um coração nobre não se força a exprimir-se. As suas palavras são como pedras raras, raramente expostas e de grande valor.
- Para o discípulo sincero e honesto, cada dia é um dia afortunado. O tempo passa, mas ele nunca se deixa ficar para trás. Nem a vergonha nem a glória poderão nele influir.
- Censura-te a ti próprio, nunca aos outros.
- Não discutas o que está certo e o que está errado.
- Algumas coisas, embora certas, foram consideradas erros crassos durante inúmeras gerações. Posto que o valor da rectidão pode vir a ser reconhecido séculos mais tarde, não há motivo plausível para ansiar por um reconhecimento imediato.
- Vive com a causa e deixa os efeitos para a grande lei do universo.
- Passa cada dia em tranquila meditação.

Texto Zen

&&&

Chuva de Inverno –
Passando sobre o “koto”
O ruído de um rato.

Buson

&&&

O Mestre Zen Sengai tinha vários discípulos. Um deles, particularmente irreverente, costumava levantar-se a meio da noite. Saltava o muro do mosteiro e ia para a cidade divertir-se com outros jovens da sua idade.

Uma noite, lembrou-se de verificar os dormitórios descobrindo a cama vazia do monge. Apoiado na sua intuição, foi até ao muro e não se surpreendeu quando encontrou um banco que servira para o escalar. Retirou-o e colocou-se no seu lugar, aguardando pacientemente.

De madrugada, o discípulo saltou colocando os seus pés na cabeça e nos ombros do Mestre, caindo no pátio completamente desnortado.

Sengai, disse-lhe:

“De madrugada o frio é intenso. Cuida de ti jovem, tem cuidado, não te constipes.”

O monge nunca mais saiu durante a noite.

História Zen

&&&

A segunda parte da vida, é como a outra encosta da montanha. A primeira é dificultosa na subida, a segunda desce-se bem mais depressa do que se subiu a primeira.

&&&

O viajante
Chupa uma laranja
Pelo campo seco.

Shiki

&&&

Belas na vida como na morte, as árvores no seu eterno processo de rejuvenescimento, vivem sem pensar na morte.

&&&

O pequeno córrego
Esconde-se sob o capim –
O Outono fenece.

Bashô

&&&

Um agricultor pediu a um monge que recitasse sutras pela falecida mulher.

“Obterá minha mulher indulgências com a recitação?”

“Claro, a tua mulher e todos os seres.”

Esta ideia não agradou ao camponês. Outros iriam obter as indulgências que ela tanto necessitava.

“Recita os sutras apenas em sua intenção”, disse.

O monge esclareceu-o:

“Não o posso fazer. Um verdadeiro Budista deseja que as suas bênçãos recaiam sobre todos os seres.”

“É belo o que dizes, e ultrapassa em muito o que tenho ouvido de outras religiões em que os crentes apenas se preocupam com os seus próprios umbigos. Mas, abre apenas uma exceção. Tenho um vizinho que é rude, grosseiro e mau para mim e para os meus. Exclui-o então, nem que seja só ele o excluído.”

História Zen

&&&

Ah, lua cheia!

Nem mesmo um rosto bonito

Entre os presentes.

Bashô

&&&

Que tocante!

Debaixo da armadura
Sai um grilo.

Bashô

&&&

Desfiz-me dessa coisa insignificante
A que chamam “Eu”
E tornei-me no mundo imenso.

Soseki

&&&

“Que devo eu fazer, se o meu espírito estiver vazio, sem nada?”, perguntou
o noviço.

O Mestre, respondeu:

“Liberta-te dele, deita-o fora.”

“Como o poderei fazer, se nada tenho, absolutamente nada?”

“Então, carrega-o contigo.”

História Zen

&&&

Peço para morrer
Sob a cerejeira em flor
Na Primavera
Quando a Lua estiver cheia
No segundo mês lunar.

Tanka do século XII

&&&

Existiu um jovem arqueiro que havia vencido todos os torneios em que tinha participado.

Era perito no arco de flechas como ninguém. No entanto, ouvira falar num velho Mestre Zen, que era tido por imbatível, apesar de por via da sua prolecta idade não se dedicar à competição. As sua mãos e seus braços não dispunham da energia de outrora, e muito provavelmente a perícia e segurança do jovem o ultrapassaria.

Desafiou-o e com o primeiro tiro colocou a flecha no centro do alvo. Com o segundo, dividiu a primeira ao meio. Depois convidou o Mestre a imitá-lo ou até a suplantá-lo.

Este intimou-o a acompanhá-lo. Percorreram vários quilómetros de vereda na encosta de uma montanha, até que se depararam com um imenso abismo atravessado por estreita e frágil tábua.

O Mestre começou a caminhar com segurança na tábua que baloiçava, espreitando o abismo infundável. No meio, parou, envergou o arco com determinação e atingiu uma árvore longínqua.

“É a sua vez, bom jovem”, disse, enquanto regressava com suavidade da improvisada ponte sobre o despenhadeiro negro.

O jovem ficou inerte. Nem um passo deu na tábua, suas pernas tremiam e as suas mãos mal conseguiam segurar o arco.

Disse-lhe o Mestre:

“Já verifiquei que grande é a sua perícia com o arco, mas frágil sua estabilidade mental, que nos deve deixar totalmente descontraídos para mirar o alvo com sucesso.”

História Zen

&&&

Buda estava sentado num bosque, rodeado de discípulos. Todos aguardavam que iniciasse a prelecção. O silêncio manteve-se, até que colheu uma flor e a rodou junto do rosto com suavidade e doçura.

De todos os discípulos, apenas Shakyamuni entendeu o gesto do Mestre.

Buda disse:

“O método de meditação que ensino é aquele pelo qual podemos ver as coisas como elas realmente são, nada rejeitar e tratá-las com alegria, vendo com clareza a sua face original. Esse Dharma misterioso transcende a linguagem e os princípios racionais. O pensamento lógico não pode ser utilizado para obter a Compreensão; apenas com a sensibilidade da não-mente alcançareis a Verdade.”

História Zen

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG